



Estrangeiros na metrópole: territórios e fronteiras da alteridade em São Paulo

Maura Pardini Bicudo Vêras

resumo

No contexto dos fluxos de população provocados pela globalização contemporânea, os deslocamentos para São Paulo, sede metropolitana de maior vulto no país, revestem-se de múltiplos significados. Propõe-se debater, à luz de referências teóricas, ainda introdutórias, a complexa rede de interpretações tanto sobre a inserção quanto a resistência de estrangeiros na cidade, por meio da constituição de territorialidades, de processos de estigmatização e alteridade, das condições de trabalho e moradia, configurações de viver na fronteira e na vulnerabilidade.

Palavras-chave: cidade; imigração; territórios; alteridade; vulnerabilidade; segregação.

abstract

In the context of population flows driven by contemporary globalization, the displacements to São Paulo, the major metropolitan center of the country, are charged with multiple layers of meaning. This article seeks to discuss in the light of theoretical, albeit incipient, views the complex net of interpretations both of the integration and resistance of foreigners in the city through the establishment of territorialities, processes of stigmatization and otherness, working and housing conditions, and building ways of living at the margins and in a vulnerable condition.

Keywords: city; immigration; territories; otherness; vulnerability; segregation.

“[...] E de que modo é afetada a alma quando lhe é subtraída a terra pátria sobre a qual se humanizou em intrincados processos históricos e psicológicos? Quanto tempo decorre até que esta substância anímica possa fincar raízes em outro solo? A muda transplantada adapta-se ou se transforma? A alma transmigrada é bem recebida pela outra, no lugar do desembarque? [...]”
(Gambini, 2006).

Um retrato impressionista sobre a realidade paulistana, ao percorrer suas áreas centrais, vai evocar um quadro no já conhecido e descrito fervilhar de transeuntes, na imagem de um formigueiro de pessoas apressadas, em trajetos pendulares de casa ao trabalho, e ao mesmo tempo, nesse espaço de circulação, podem-se ver pessoas de diferentes etnias, cores e lugares, marcando a cidade e se metamorfoseando nos espaços públicos, comércios ambulantes de tecidos, produtos alimentícios, industrializados de marca e sem marca, signos do consumo, percebidos pelo *flâneur*, como nos diz Baudelaire:

“[...] A multidão é seu universo, como o ar é o dos pássaros, como a água, o dos peixes. Sua paixão e profissão é *desposar a multidão*. Para o perfeito *flâneur*, para o observador apaixonado, é um imenso júbilo fixar residência no numeroso, no ondulante, no movimento, no fugidio e no infinito. Estar

fora de casa, e, contudo, sentir-se em casa onde quer que se encontre” (Baudelaire, 1996, pp. 19-21).

Segundo esse olhar, ainda em termos panorâmicos, na memória da imigração em São Paulo, há certa cartografia de estrangeiros na metrópole, bairros caracterizados como “*Piccola Itália*” no passado, como o caso do Brás e o do Bixiga. Outras áreas se notabilizaram pela presença de sírios e libaneses, como a região comercial da Rua 25 de Março, ou ainda o bairro da Liberdade, como oriental. Mais recentemente, já no limiar do século XXI, zonas já identifi-

Este artigo deriva-se de projeto de pesquisa em desenvolvimento pela autora, financiado pelo CNPq: “Territórios e Fronteiras da Alteridade em São Paulo: Uma Análise dos Processos de Segregação e Vulnerabilidade de Estrangeiros na Metrópole”.

MAURA PARDINI BICUDO VÉRAS é professora titular de Sociologia e do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP e membro do grupo Diálogos Interculturais do IEA-USP.

cadadas como abrigos de oficinas de confecção de costura, como os bairros do Bom Retiro, Brás, Pari, que tiveram presenças marcantes de nichos étnico-econômicos como coreanos, bolivianos e hoje também paraguaios e chineses. Novos fluxos de população vieram somar-se aos paulistanos, como peruanos, que se apresentam em restaurantes típicos e se estabeleceram em maior número no Brás, no Bom Retiro, na Santa Efigênia e no distrito da República. Bairros como o Parque Dom Pedro e a Santa Efigênia vêm crescendo com o número de peruanos residentes principalmente pela proximidade de regiões comerciais como a 25 de Março. Na Feira da Madrugada (Brás) e em lojinhas dentro dos conhecidos *shoppings* da região, vendem roupas e combinam com o nicho étnico-gastronômico nesses espaços. Notam-se também atualmente bairros com maior presença de colombianos, configurados no centro da cidade, principalmente na Liberdade, na República e no Glicério. No bairro do Bom Retiro, o Café Colombiano, localizado dentro da Oficina Cultural Oswaldo de Andrade, na Rua Três Rios, é referência.

Haitianos, presentes a partir de 2011 em São Paulo, têm se abrigado também no Glicério, onde fica a Missão Paz dos religiosos scalabrinianos que vêm acolhendo imigrantes e refugiados e onde há um centro de recepção a estrangeiros, caracterizando a área como de convivência. Acabam constituindo-se em territórios de estrangeiros, que são de convivência entre pares, à primeira vista (Corsi, 2017).

Essa descrição preliminar quis trazer à tona a convivência de diferentes grupos na cidade, as relações de sociabilidade e inserção na metrópole no século XXI, configurando territórios de pertencimento. Ao

mesmo tempo, revelar processos de afastamento e segregação, pois são porções de bairros centrais que podem ser chamadas de zonas de habitação precária: cortiços, pensões, coabitações involuntárias e com várias ordens de problemas. As festas bolivianas na Praça Kantuta, por exemplo, costumam ser avaliadas pelos seus vizinhos como problemáticas por causa das bebidas lá consumidas, muitas vezes estigmatizando essa etnia (Pucci, 2016).

No presente artigo propomos uma reflexão necessária sobre os conceitos fundantes desta pesquisa sobre territórios e fronteiras da alteridade de estrangeiros em São Paulo.

O tema da imigração tem merecido diversos estudos e aprofundamentos, incrementados pelas transformações contemporâneas. O mercado de trabalho, hoje globalizado, acarreta fluxos contínuos de pessoas pelo mundo. Novas ondas de (i)migrantes se somam àquelas tradicionais no Brasil do início do século XX, agora contextualizadas na mundialização. Por outro lado, relações capitalistas atualmente transformaram as aglomerações urbanas, orquestrando processos sociais de competição e exclusão de diversos segmentos das populações que se notabilizam, assim, pela mobilidade, deslocamentos e expulsão, em movimentos de (des) e (re)territorialização constantes. Tais manifestações têm tornado as cidades espetáculos de desigualdade social, pois que, além dos efeitos perversos trazidos pela competição econômica no acesso ao solo urbano, revelam formas diversas de elitização, degradação de áreas e de pessoas, segregação e fragmentação, e, sobretudo, discriminação, preconceito, dificuldades de reconhecimento dos direitos perante políticas sociais.

O Brasil urbano tem se alimentado, entre suas múltiplas faces, de intensos fluxos migratórios, de diversas origens, com variados dramas e trajetórias pessoais e familiares das mais diferentes modalidades, cores e condições, tendo, como pano de fundo, dificuldades econômicas, a luta pela terra, por moradia, emprego, educação, saúde, cidadania, enfim; a esse conjunto, somam-se deslocamentos explicitamente involuntários de refugiados, pessoas obrigadas a deixar suas pátrias por conflitos armados, violência política, perseguições étnicas, ausência de lei ou, mesmo, desastres naturais. O fluxo de africanos vindos para o Brasil na escravidão não pode ser ignorado na composição desse panorama dos deslocamentos populacionais.

Em São Paulo, em particular, foram bem caracterizados os movimentos da imigração estrangeira que ajudaram a moldar a urbanização e a industrialização na transição para o século XX (notadamente italianos, portugueses, espanhóis e japoneses) e permaneceram até meados do século XX, quando a Segunda Guerra mundial provocou a vinda de novos grupos europeus e de outros locais para a capital paulista. Nas décadas de 1960 e 1970, migrações maciças de habitantes das regiões menos industrializadas e empobrecidas do Brasil rumaram ao Sudeste, para a cidade de São Paulo, em fenomenologia bastante estudada (Véras, 2003).

O município de São Paulo, pelo mais recente Censo Demográfico (IBGE, 2010), com uma população de 11.253.503 residentes, apresentava uma porcentagem de 1,34% de estrangeiros, proporção considerada pequena em comparação a diferentes fases de sua história, pois, em 1920, eram nascidos fora do Brasil cerca de 36% de seus moradores; em 1940, tal peso chegava a 22,41%. A pre-

sença estrangeira foi decrescendo a partir dessa época, até chegar a 3,85% em 1980 e, na virada para o século XXI, em 2000, a 1,87% (Censos Demográficos – IBGE). O grupo mais expressivo em 2010 era o dos portugueses, que significam 23,3% dos estrangeiros. Depois destes, os mais frequentes são os bolivianos, que representam 14,3% dos estrangeiros; dos asiáticos, em especial chineses (representam 6,4% dos estrangeiros residentes em São Paulo), japoneses (8,6% do subconjunto de imigrados) e coreanos, cerca de 4,7% dos estrangeiros.

Dentro das condições atuais de transnacionalização e reorganização da economia mundial, a abordagem sobre os processos migratórios se reveste de maior complexidade. A circulação de trabalhadores é vista como mais um dos fluxos que movimentam as relações internacionais, intensificando a circulação de capital, mercadorias, serviços e informações. Por essa vertente explicativa, apreende-se que antigos e tradicionais sistemas de trabalho acabam sendo substituídos, em parte, por novos arranjos e espaços no mercado para subcontratações organizadas e oportunidades de realização de pequenos negócios. Nesse sentido, os fluxos migratórios alimentariam tais sistemas, antes de base familiar e artesanal, para sua internacionalização. Muitas vezes, essa expansão resulta em redes clandestinas, voltadas ao mercado informal e com perversas consequências para os imigrantes (Sassen, 1988; 1998).

Nossas questões dirigem-se a conhecer como tais segmentos se relacionam e vivem na cidade. São aspectos nodais a territorialidade, a segregação, processos de interculturalidade, aproximação e afastamento, em uma cartografia da alteridade. Alguns grupos de imigrantes, de refugiados ou migrantes,

por sua inserção subalterna, muitos não documentados, aliados de muitas políticas públicas e dos direitos sociais, encontram-se em situação vulnerável. Trata-se de pessoas em situação de risco e privação em termos socioeconômicos e ambientais.

Dessa forma, São Paulo representa um ponto nodal do capitalismo financeiro globalizado onde oportunidades de trabalho, moradia e acesso ao ambiente construído são complexas, atraem alguns e dificultam para a maioria de seus habitantes. Pretende-se, neste artigo, comentar brevemente os conceitos fundantes da análise provocada pela presença de latino-americanos na capital paulistana.

DESLOCAMENTOS INTERNACIONAIS

A aventura dos deslocamentos populacionais sempre foi coberta de riscos e perigos. Além da partida, viagem e impactos da chegada, há a questão do contato entre culturas diferentes, conflitos por vezes duradouros, um campo de tensões com a sociedade receptora. Os processos migratórios, dependentes de múltiplas causas, muitas vezes se enquadram por motivações econômicas, políticas, étnico-culturais, consequências de desastres naturais, emergenciais, dos recrutamentos de empresas, além das pessoais e familiares. São imigrantes, o que caracteriza, portanto, uma situação relacional entre pessoas, países e regiões, as “emissoras” e as “receptoras”. O estatuto jurídico do imigrante é distinto, pois ele perde os direitos sociais de seu país de origem e, no novo ambiente, é considerado estrangeiro, tendo de sujeitar-se a leis que o colocam em situação de apátrida (ver, entre outros: Sayad, 1998; Rocha-Trindade, 1995). Como “outros”, ou minorias, os estrangeiros

são vistos como *não nós*, em franca produção de alteridade.

A análise transnacional representa novo campo analítico ao interpretar o fenômeno da migração como formado de múltiplas relações entre os imigrantes com seus locais de origem e de destino. Esse espaço transnacional de relações sociais conecta grupos e indivíduos de distintos pontos de vista econômicos, religiosos, familiares, sociais, organizacionais e políticos, e faz com que se intensifiquem processos locais e globais, ultrapassando fronteiras geográficas, culturais e políticas. Supera-se, dessa forma, a nomenclatura tradicional que dividia os imigrantes em três categorias, os temporários, os retornados e os permanentes. O imigrante é encarado agora como *transmigrante*, vivenciando múltiplos contatos não só com o país de origem, mas também com o ambiente receptor, e sem alterar necessariamente seu sistema de vida, os hábitos e valores de sua terra natal (Glick-Schiller et al., 1992 apud Silveira, 2014).

Os mercados de trabalho hoje têm um caráter mistificador da liberdade, pois esta existe, na verdade, apenas por detrás dos muros (físicos e jurídicos) que regulam os fluxos migratórios ao fixarem os emigrantes e inferiorizarem os imigrantes (Corsini, 2010). É época de transição, em que inúmeras possibilidades se descortinam, se possível em busca de uma cidadania global, transformando circulação em liberdade.

Em comparação com o total de entradas no final de 2010, o fluxo parece ter aumentado 50%. Haitianos (considerados imigrantes humanitários, depois do terremoto em seu país em 2010) e latino-americanos, bolivianos, principalmente, chegam em massa, além de peruanos, paraguaios, colombianos

e, mais recentemente, venezuelanos. Há, também, uma quantidade considerável de imigrantes bem qualificados que desembarcam por aqui. O Brasil tem recebido novos fluxos, como refugiados: palestinos, iraquianos, sírios, congoleses, angolanos e demais africanos. Como se dá a inserção desses em São Paulo? Quais territórios ocupam? Nos limites do presente trabalho, não trataremos desses contingentes.

TERRITÓRIOS, FRONTEIRAS, ALTERIDADE

Sendo das referências mais significativas, limitemos o conceito de território ao seu sentido mais amplo, à ocupação de determinado espaço por determinado grupo, constituído por critério social: origem e nacionalidade (área de poder e jurisdição de um Estado), condição socioeconômica, cultural e étnica, cor, local de moradia e outros. Estabelece-se, pois, intensa relação entre territorialidade e segregação socioespacial. No caso da territorialidade burguesa, ditada pelo mercado imobiliário, somam-se efeitos de discriminação étnica, preconceitos e relegação relacionados, portanto, não apenas à pobreza, mas também a cor, cultura e traços fenotípicos. Se território figura como categoria ligada a espaço nacional, identitário, lugar, em oposição à descaracterização trazida pela globalização, veio sofrendo deslizamentos conceituais, na expressão de Carvalho (2017) e recebendo, sobretudo, o significado acrescido da territorialidade, ou seja, fluxos de população marcam itinerários e marcam tais lugares de sua identidade, de sua raiz, de nova territorialização, espaço de suporte de sobrevivência, relações entre pares e/ou conterrâneos, seu “pedaço”.

Assim, território é espaço da memória, identitário, um “lugar”, impregnado de cultura, forma de comunicação dos residentes com seu entorno, com seu grupo, e permite a consciência da pertinência.

Contemporaneamente, a par de certa homogeneização trazida pela globalização, paradoxalmente, acompanharam-na um “espetáculo de diferenças” e a “afirmação das etnicidades”. Como nos diz Santos (2005), há glocalismos e localismos. Laços locais muito fortes convivendo com a unificação econômica, ou seja, novas nacionalidades, certa tribalização e, ainda, o lado obscuro do racismo que ainda não se apagou, mesmo após o forte impacto da Segunda Guerra Mundial (Wieviorka, 2006).

A localização em determinados bairros, como “ponte” que oferece suporte de língua e costumes entre conterrâneos e que pode oferecer aos imigrantes melhor acesso aos serviços de saúde e educação, muitas vezes acabou sendo vista como a formação de guetos e de segregação; preferimos entender a ocupação territorial, em sua conexão com redes que podem permitir a transposição de fronteiras. A âncora de fixação no território é a moradia, razão pela qual determinamos este aspecto como fundamental na abordagem sobre haitianos em São Paulo. Seria a territorialidade da contingência possível por causa das redes de amigos, familiares e da conterraneidade, e que podem permitir a transposição das fronteiras limitadoras de sua inserção na nova sociedade.

No caso dos (i)migrantes, o tempo de residência e a localização no novo espaço são fundamentais (Elias & Scotson, 2000). A rotulação de “estranhos” – alteridade radical – surge sempre aos recém-chegados ou, ainda, aos diferentes.

O “estrangeiro”, no seu sentido *stricto* ou *lato*, já foi definido como uma forma particular de relação social, por expressar a unidade entre distância e proximidade por meio da mobilidade espacial, como disse Simmel (Jodelet, 1998). Trata-se de uma dialética a significar que o *próximo* é *afastado* e, ao mesmo tempo, o próprio termo relativo ao estrangeiro – sua alteridade – denota que o *afastado* é *próximo*, relação esta em contínua tensão. “Aquilo que se confunde com o outro, aquele que é não eu, mas, não obstante, habita em mim” (Koltay, 1998, p. 7).

“Como Sócrates, o imigrante é *atopos*, sem lugar, deslocado [...] nem cidadão nem estrangeiro, nem totalmente do lado do *Mesmo*, nem totalmente do lado do *Outro*” (Sayad, 1998, p. 11). É sempre a reflexão acerca da alteridade que precede e permite toda “definição identitária”. Imbricadas no universo simbólico e no imaginário, as noções de alteridade e representação se complementam. Assim, fala-se de alteridade em diferentes gradações e matizes. Como nos diz Moscovici (1978), as representações acabam por operar psiquicamente o conhecimento pelo qual os homens tornam inteligível o mundo que os cerca. Estão ligadas aos grupos sociais de que eles participam, são produtos sociais dinâmicos, enquanto conhecimentos socialmente estruturados e culturalmente aceitos, e condicionarão as elaborações individuais e estas, vice-versa, contribuirão socialmente, em movimento duplo e recíproco. As representações (objetivação e subjetivação), portanto, muitas vezes naturalizam e classificam conceitos. Por consequência, o tratamento dado ao *outro* depende da memória individual e coletiva, do “processo de constituição da identidade e do cotidiano”. Há um sistema de valores

que emoldura as relações intersubjetivas e as questões sociais dos vínculos e afiliações implicando uma oscilação da comunidade à exclusão. Em muitas hipóteses, o que é considerado como *outro* é apenas a projeção do *eu*.

A questão cultural emoldura o espaço de convivência na cidade. Entendendo cultura de forma ampla, valores e significados, destacamos as *condições determinadas* segundo as quais os homens fazem a história, ou seja, as condições estruturais, incluindo a noção de *experiência* e o papel das *ideologias* (Hall, 2003).

Na migração, o eu abre-se em perspectiva e se lança no futuro de um tempo alterativo, experiência esta que implica vivências de rupturas e exige processamentos e elaborações críticas da subjetividade (Ferreira, 2010, p. 15). O migrante, como cada um de nós, através da língua, corporifica uma identidade para si e para os outros e se isso não garante a estabilidade, pelo menos lhe dará um invólucro de proteção para a circulação espaço-temporal. A experiência do deslocamento leva o migrante a viver o aqui e o agora em referência do antes e do depois, em que o passado retido, deslocado para o espaço anterior à viagem, sempre insistirá nas narrações, na escrita, emergindo sua presença na reconstituição de suas vidas. Viver entre duas culturas é uma das características da migração e implica escolher sempre entre o eu e o outro. Um período de crises e aprendizagens e de negociação com a própria identidade, com os próprios valores, com a identidade grupal, envolvendo relações familiares, de gênero, intergeracionais, étnico-raciais, enfim, com vasta gama de manifestações ligadas à vida. Nossa preocupação está em analisar o cruzamento das fronteiras

étnico-culturais e o enfrentamento do *outro* tanto por parte das sociedades receptoras quanto para os imigrantes.

É possível que a dinâmica das manifestações culturais possa trazer vitalidade aos espaços públicos, conciliando perspectivas, dando voz a grupos e associações, mesmo que heterogêneos. Nos diálogos interculturais, portanto, existem zonas de intermediação que podem favorecer os rearranjos pessoais e sociais. São espaços que mediatizam o diálogo entre as culturas cosmopolitas, traços globais e locais, potencializam a passagem da tolerância à aceitação e possibilitam a criação de redes de proximidade territorial (Fortuna, 2005).

Em tempos de pós-modernidade, tem-se assistido ao debate sobre o que se convencionou chamar do “direito à diferença”. Como legado dos clássicos, não se devem entender as diferenças como algo excludente, mas como experiências sociológicas diversas das

nossas. De certa forma, recupera-se aqui a máxima de que o respeito à diferença só tem sentido se aspirar à universalidade.

Como vimos, alguns segmentos constituem-se claramente como *vulneráveis*, associando-se a esse conceito a presença de três componentes: exposição ao risco, incapacidade de reação e dificuldades de adaptação diante da materialidade do risco. Nesse sentido, a vulnerabilidade social considera a insegurança, a exposição a riscos provocados por crises econômicas e a instabilidade das condições de vida dos grupos mais pobres, com alta privação, incluindo as estratégias das próprias famílias, sua disponibilidade de recursos para enfrentar suas questões.

Foi a partir de tais reflexões que se pretendeu abordar as territorialidades, os processos de segregação, vulnerabilidade e relações de alteridade presentes na cidade de São Paulo.

BIBLIOGRAFIA

- BAUDELAIRE, C. *Sobre a Modernidade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996.
- CARVALHO, M. *Sobre a Categoria Território*. PUC-SP, 2017.
- CORSI, Jorge. *Vulnerabilidade e Sociabilidade de Haitianos, Paraguaiois, Colombianos e Peruanos em São Paulo*. Relatório de Iniciação Científica. São Paulo, PIBIC/CNPq/PUC-SP, 2017.
- CORSINI, L. “Migrações e Êxodo Constituinte”, in A. Ferreira et al. *A Experiência Migrante: Entre Deslocamentos e Reconstruções*. Rio de Janeiro, Garamond, 2010.
- ELIAS, N.; SCOTSON, J. *Os Estabelecidos e os Outsiders – Sociologia das Relações de Poder a partir de uma Pequena Comunidade*. Rio de Janeiro, Zahar, 2000.
- FORTUNA, C.; SILVA, A. S. “A Cidade do Lado da Cultura. Espacialidades Sociais e Modalidades de Intermediação Cultural”, in Boaventura de S. Santos (org.). *A Globalização e as Ciências Sociais*. São Paulo, Cortez, 2005.

- GAMBINI, R. "Corações Partidos no Porto de Gênova", in *Revista Estudos Avançados*, vol. 20, n. 57. São Paulo, IEA/USP, 2006.
- HALL, S. *Da Diáspora, Identidades e Mediações Culturais*. Org. Liv Sovik. Belo Horizonte, UFMG, 2003.
- IBGE. *Censos Demográficos*.
- KOLTAY, C. *O Estrangeiro*. São Paulo, Escuta/Fapesp, 1998.
- JODELET, D. "A Alteridade como Produto e Processo Psicossocial", in A. Arruda (org.). *Representando a Alteridade*. Petrópolis, Vozes, 1998.
- MOSCOVICI, S. *Representação Social da Psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- PUCCI, F. M. S. *Viver "Outramente": Moradia, Condições de Vida e a Produção da Alteridade dos Bolivianos em São Paulo*. Dissertação de mestrado. São Paulo, Dep. Ciências Sociais/PUC-SP, 2016.
- ROCHA-TRINDADE, M. B. *Sociologia das Migrações*. Lisboa, Universidade Aberta, 1995.
- SANTOS, B. S. (org.). *A Globalização e as Ciências Sociais*. São Paulo, Cortez, 2005.
- SANTOS, M. *O Espaço do Cidadão*. São Paulo, Nobel, 1998.
- SASSEN, S. *The Mobility of Labor and Capital*. Cambridge, Cambridge University Press, 1988.
- _____. *As Cidades na Economia Mundial*. São Paulo, Nobel, 1998.
- SAYAD, A. *A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade*. São Paulo, Edusp, 1998.
- SILVEIRA, C. et al. "Processos Migratórios e Saúde: Uma Breve Discussão sobre Abordagens Teóricas nas Análises em Saúde dos Imigrantes no Espaço Urbano", in A. Mota; M. G. M. C. Marinho (orgs.). *Saúde e História de Migrantes e Imigrantes*. São Paulo, Fac. Medicina da USP/UFABC/Casa de Soluções, 2014.
- VÉRAS, M. P. B. "A Produção da Alteridade na MetrÓpole. Desigualdade, Segregação e Diferença em São Paulo", in Sylvania Dantas (org.). *Diálogos Interculturais. Reflexões Interdisciplinares e Intervenções Psicossociais*. São Paulo, Instituto de Estudos Avançados-USP, 2012.
- WIEVIORKA, M. *Em que Mundo Viveremos?* Org. Maura VÉras. São Paulo, Perspectiva, 2006.